

Os media sociais como proporcionadores do debate público sobre as minorias étnicas

Ana Beatriz Cruz¹

beatrizcruz@gmail.com

Resumo

O presente artigo engloba o estudo da representação das minorias étnicas nos media e do novo paradigma do jornalismo.

O nosso objetivo principal consistiu em perceber se os media sociais proporcionam debate público em temas relacionados com as minorias étnicas. Visamos assim perceber se a representação destes grupos minoritários proporciona/impulsiona uma discussão pública fundamentada.

Recolhemos nos sites do Público e do Correio da Manhã, peças jornalísticas que retratavam as minorias étnicas, em primeiro plano, e os comentários feitos às mesmas nos sites e nas páginas do Facebook de ambos os jornais, tendo analisado e interpretado as mesmas.

Percebemos que a representação das minorias étnicas nos media assenta em temas negativos (como os crimes, a imigração ilegal e a discriminação racial e étnica); que a maioria dos comentários recolhidos nos sites dos jornais contribui para o debate público, ao contrário da maioria dos comentários feitos nas páginas do facebook que não contribuem.

Apesar do media sociais proporcionarem o debate público e disponibilizarem as ferramentas necessárias para a construção do mesmo, os cidadãos ainda não veem estes espaços como uma 'ágora'. Pois, muitas das vezes há uma diluição dos ideais democráticos com opiniões estereotipadas, preconceituosas, insultuosas, discriminatórias e inapropriadas.

Palavras-chave: minorias étnicas; media sociais; debate público.

Abstract

This article presents the study of the ethnic minorities representation in the media and the new paradigm of journalism.

Our main objective was to perceive if the social media provide public debate on issues relative to ethnic minorities. We aim to understand if there presentation of these minority groups provide/encourages an informed public discussion.

We collected in Público 'sand Correio da Manhã' websites, news that portrayed ethnic minorities, in the foreground, and the comments made on the websites and on Facebook pages of both newspapers, we analyzed and interpreted them.

We realize that there presentation of ethnic minorities in the media is based on negative issues (such as crime, illegal immigration and racial and ethnic discrimination); that the most of the comments collected on the newspaper's websites contributes to the public debate, which contradicts most of the comments made on facebook pages that do not contribute.

Despite social media provide the public debate and make available the necessary tools to build it, the citizens still do not see these spaces as an 'ágora'. Because often there is a dilution of democratic ideals with stereotypical views, prejudiced, insulting, discriminatory and inappropriate.

Keywords: ethnic minorities; social media; public debate.

¹ Aluna do curso de Jornalismo e Comunicação do IPP-ESE entre 2007-2010. Mestre em Jornalismo, Comunicação e Cultura pelo IPP-ESE.

Introdução

O presente artigo resulta de um trabalho de pesquisa acerca da participação e do debate público nos media sociais, objetiv and operceber se há promoção de debate público em temas relacionados com as minorias étnicas.

Página | 94

Considerando o debate público um discurso que produz opiniões positivas ou negativas sobre determinado tema ou pessoa, não englobamos opiniões 'outofcontext' ou desrespeitosas. Isto é, apenas consideramos as opiniões que promovam opinião pública e a cidadania.

Desta feita, seleccionámos dois jornais diários, o Correio da Manhã e o Público, de modo a comparar o discurso dos mesmos e conseqüentemente o discurso dos utilizadores dos seus sítios online e páginas do Facebook. O facto de serem jornais com diferentes públicos-alvo e linhas editoriais foi um fator tido em conta aquando da escolha.

Assim, recolhemos diariamente, durante os meses de Novembro e Dezembro de 2011 e os meses de Janeiro e Fevereiro de 2012, às 21h00, as peças jornalísticas sobre as minorias étnicas e os comentários feitos às mesmas nos sites dos jornais e nas suas páginas do Facebook.

Para percebermos se havia promoção do debate público em temas relativos às minorias étnicas analisámos as peças que tratavam temas relativos às minorias étnicas em primeiro plano, e estudámos os comentários efetuados às mesmas nos sites e nas páginas do Facebook dos jornais em análise.

Representação das minorias étnicas nos media

Considerando um grupo minoritário como grupo em desvantagem, desprivilegiado ou oprimido (Berghe, 1996), que algumas vezes é considerado menor em termos de importância (Wilson, Gutiérrez&Chao, 2003), podemos dizer que as minorias étnicas são grupos étnicos em menor número e que daí são conotados como menores face à sua importância social.

Um grupo étnico é um grupo social minoritário, percebido e classificado como diferentes da cultura dominante (Cabecinhas & Amâncio, 2004). Importa referir que,

nestas comunidades também se inserem os imigrantes, uma vez que partilham as características mencionadas.

Inerentes aos grupos minoritários, especificamente aos grupos étnicos, estão os conceitos/ideias de preconceito, racismo e discriminação. As “ideologias racistas e os preconceitos étnicos/raciais ideologicamente controladas podem ser finalmente expressas no texto e na fala”. Logo, os media como grandes promotores de discursos podem ter responsabilidade na criação e manutenção das ideologias referidas.

Como confirma Dijk (1995), os media têm um papel central na reprodução do racismo devido às relações que têm com outras elites e devido há sua influência em moldar e alterar as ‘mentes’ sociais.

A cobertura mediática das minorias étnicas está assim condicionada pelos seguintes fatores: há necessidade dos media procurarem o irregular, o bizarro e o incomum, faz com que a cobertura das minorias étnicas seja inclinada para temas negativos (Wilson, C., Gutiérrez, F. & Chao, L., 2003); aos constrangimentos das rotinas de produção jornalística que podem condicionar a investigação de determinados acontecimentos (Ferinet. al., 2008); há falta de credibilidade que estes grupos têm como fontes de informação, já que não controlam o ‘discurso das fontes; há discriminação social de que são alvo e que os afastados grupos majoritários, logo afasta-os do acesso aos media; e há falta de representantes de jornalistas de grupos minoritários nas redações.

Jornalismo participativo e os media sociais

O aparecimento da internet alterou de forma incontornável a comunicação, quer interpessoal quer a comunicação dos media. Com a internet, os meios de comunicação passaram do paradigma de ‘um-todos’ para ‘todos-todos’ (Lemos *in* Amaral, 2005), ou seja passaram da comunicação passiva para a ativa.

A troca de informação deixou de ser apenas de jornalista-para-utilizador passando também a efetuar-se de utilizador-para-jornalista, tornando a comunicação mais conversacional (Gillmor, 2004). Com isto, a diluição da fronteira entre quem faz ou transmite as notícias para quem as recebe ou consome levou a uma alteração desses

mesmos papéis (Fidalgo, 2009), podendo agora falar-se de ‘jornalismo do cidadão’, de ‘conteúdo gerado pelo utilizador’ ou até de ‘jornalismo participativo’ (Singer, 2011a).

Tal como Singer, preferimos o termo ‘jornalismo participativo’ já que transmite a ideia de colaboração e de ação coletiva (*idem*) – termo que associamos aos comentários, aos fóruns de discussão e aos blogues dos utilizadores (Lasica *in* Singer, 2011a), bem como aos micro-blogues e às redes sociais (Singer, 2011a).

Jornalismo participativo significa que o que o jornalista cria é apenas uma parte. Este novo jornalismo mais aberto e inclusivo traz dois benefícios primários: gera mais vozes; e os cidadãos podem ser vistos como ‘watchdogs’ (Singer, 2011b).

Assim, o jornalista transformou-se num «líder de um fórum» ou em um mediador (Brown *in* Kovach&Rosenstiel, 2004), tornando indefinido o conceito de gatekeeper e modificando o poder e a responsabilidade do jornalista pelas informações.

Os medias sociais alteraram também o papel do utilizador que se tornou mais ativo. O cidadão contemporâneo tem poder de decisão perante as informações que consome, não se guiando por aquilo que os outros consideram credível ou interessante.

Segundo Gillmor (2010), com a democratização dos media toda a gente passou a ser um potencial criador. Isto é, estamos perante ‘prosumers’, pois os utilizadores são produtores e consumidores de informação (Kovach&Rosenstiel, 2004).

Contudo, Singer (2011b) apontou que as contribuições dos utilizadores apresentam dois problemas éticos principais, a saber: o desconhecimento da informação, pois não se sabe muito sobre a sua origem e veracidade; e a natureza abusiva dos conteúdos produzidos pelos utilizadores. Portanto, caso o público venha a atribuir a mesma importância aos conteúdos gerados pelos utilizadores que atribui às informações produzidas pelos jornalistas, poderão surgir casos de desinformação, porque à partida os cidadãos sem formação jornalística estão menos preparados para separar os factos das opiniões e para serem objetivos.

Redes sociais e o novo espaço público

Hoje em dia, as redes sociais são um dos espaços prediletos dos cidadãos, encantando até os mais relutantes, mais velhos e até os menos preparados para as novas tecnologias.

Página | 97

Recuero (2009) considera que as redes sociais são constituídas por vários elementos, nomeadamente: atores, ou seja pessoas envolvidas na rede, sendo que no ciberespaço se trata da representação dos atores sociais; conexões, compostas pelos laços sociais; e interação, relação e laços sociais.

As redes sociais fizeram com que o cidadão comum ganhasse voz e pudesse dar a sua opinião, com a emergência e a globalização dessas mesmas plataformas os cidadãos tornaram-se participantes.

Segundo Habermas (*in*Rieffelin Rodrigues, 2006) o espaço público grego da Pólis era comum a todos os cidadãos livres e estava separado da esfera privada. Contudo, a esfera pública burguesa era entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em público (Habermas *in* Rodrigues, 2006). Rodrigues (2006) relaciona este modelo de esfera pública com a blogosfera, porque em ambas todos podemos falar/debater, sendo que na nossa investigação relacionamos este modelo com as redes sociais, na medida em que possuem a mesma configuração que os blogues.

A noção de espaço público pode ser associada às redes sociais por possibilitar a participação, a descentralização das vozes e, conseqüentemente, a promoção da cidadania. No entanto, a utilização que alguns cibernautas fazem das redes sociais não contribui para o debate público.

Pois, apesar de a internet promover uma discussão mais alargada, isso não quer dizer que seja mais significativa e que acrescente algo do interesse público. Acresce que, o facto de o público participar ativamente não faz com que este seja ouvido, nem com que as suas mensagens tenham importância na construção da opinião pública.

A democracia e os novos media

A abertura da participação a todos que a internet e os media sociais permitem e o alargamento da esfera pública, remete-nos para o conceito de democracia “que só

existe se os cidadãos puderem expressar-se, trocar argumentos e dar a sua opinião livremente, sendo que estas posições podem ser criticadas por outros de forma igualmente livre.” (Rodrigues, 2006: 24).

Contudo, levanta-se a seguinte questão: será que com os media sociais e a possibilidade de todos termos uma palavra a dizer, será que os utilizadores estão a fornecer a informação necessária para os restantes cidadãos se autogovernarem?

Esta possibilidade de mais vozes, discursos alternativos e de uma conexão global que os media sociais permitem, pode auxiliar os cidadãos a exercer a cidadania, pois: “quanto mais variadas forem as vozes, maior é a probabilidade do povo conhecer a verdade e, desta forma, ser capaz de se autogovernar” (Bollinger *in* Kovach & Rosenstiel, 2004: 22).

Metodologias e objetivos da investigação

O objetivo central desta investigação é perceber se a representação das minorias étnicas suscita debate público, isto é se os media sociais são proporcionadores e impulsionadores de discussão pública.

O nosso estudo contempla uma abordagem qualitativa e com uma abordagem quantitativa, recorreremos ainda à análise de conteúdo, na medida em que analisámos as peças jornalísticas e os comentários feitos às mesmas.

Optámos por dois jornais diários, um ‘popular’ e um de ‘referência’, o Correio da Manhã e o Público, procurando adquirir um leque variado de comentários. A recolha de dados dos sites e das páginas do Facebook do Correio da Manhã e do Público foi efetuada diariamente às 21h00 nos meses de Novembro e Dezembro de 2011 e nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2012.

Decidimos selecionar as peças jornalísticas que focavam as minorias étnicas em primeiro plano, quer na página inicial dos sites dos jornais em análise, quer nas seguintes secções: do site do Público - Mundo, Política, Economia, Desporto, Sociedade, Educação, Local e Media; do site Correio da Manhã - Última Hora; Nacional, dentro da qual escolhemos as secções Portugal, Saúde, Ensino, Política e Economia; Internacional, dentro da qual selecionámos a secções Mundo; e Sport, tendo selecionado a subsecção

Desporto. Analisámos ainda os comentários feitos nas páginas do Facebook de ambos os jornais em estudo, devido à dimensão desta rede social.

Os critérios utilizados na análise das peças jornalísticas sobre as minorias étnicas, foram os seguintes (ver tabela abaixo):

Tabela 6: Categorias de Análise das Peças Jornalísticas

Categorias de análise	Subcategorias de análise	Descrição das categorias em análise
Temas	Políticos	Nesta categoria inserem-se todos os temas relacionados com políticas de imigração.
	Discriminação étnica e racial	Nesta categoria inserem-se peças jornalísticas sobre casos racismo e de discriminação étnica.
	Imigração Ilegal	Este ponto diz respeito a peças sobre extradição ou outros casos de imigração ilegal.
	Crimes	Na presente categoria inserimos peças sobre tráfico de pessoas e peças sobre outros crimes (como por exemplo: crimes passionais, posse de estupefacientes, assaltos, etc.)
	Outros Temas	São temas relacionados com as minorias étnicas porém sobre assuntos que não estão supracitados.
Fontes de Informação	Membros das minorias	Este critério consiste na identificação das fontes de informação utilizadas nas peças jornalísticas em análise.
	Fontes Políticas	
	SEF	
	Fontes Policiais	

	Fontes Judiciais	
	Especialistas	
	Associações/Instituições	
	Cidadãos-comuns	
	Outras	
Género Jornalístico	Notícias	Este grupo serve para percebermos os diferentes géneros jornalísticos encontrados nas peças selecionadas.
	Breves	
	Reportagens	
Âmbito	Local	Na presente categoria separamos as peças pela sua abrangência geográfica.
	Nacional	
	Internacional	
Total de peças disponibilizadas	Peças sem Comentários	Quantificação do número total de peças disponibilizadas.
	Peças com Comentários	
Total de Comentários	Total de Comentários no Site	Quantificação do número total de comentários disponibilizados.
	Total de Comentários no Facebook	

Os comentários dos utilizadores feitos às peças sobre minorias étnicas, nos sites e nas páginas do facebook de ambos os jornais, foram igualmente selecionados de acordo com uma lista de critérios, adaptada da investigação de Silva (2004) aos comentários dos leitores da TSF Online sobre as notícias da Cimeira de Copenhaga (ver tabela abaixo):

Tabela 7: Critérios de Análise dos Comentários

Critérios de Análise	Subcritérios de Análise	Descrição dos critérios de Análise
Interpelação direta ao trabalho do Jornalista	Retificação	Retifica erros do jornalista.
	Crítica positiva	Critica positivamente à peça jornalística.

	Crítica negativa	Crítica negativamente à peça jornalística.
Linguagem	Informal	Abreviaturas.
		Repetição de termos.
		Pontuação marcada pelos pontos de exclamação, interrogação e reticências.
		Expressões coloquiais (gíria e calão).
		Erros ortográficos, de acentuação e gramaticais.
		Expressões próximas do discurso oral.
	Formal	Linguagem característica de locais públicos.
Características do Utilizador	Identificado	Identifica-se pelo nome; nome e apelido; apelido.
	Não identificado	Anónimos.
		Uso de pseudónimos.
Interatividade	Jornalista-utilizador	Interação entre o jornalista e o utilizador.
	Utilizador-utilizador	Interação entre utilizadores.
Contributo do comentário para o debate público	Não contribui	Desvio do assunto da peça.
		Comentário inadequado.
	Contribui	Apresenta soluções.
		Apresenta outros pontos de abordagem.
		Coloca questões fundamentadas.
	Acrescenta conteúdo à peça.	

Análise das peças jornalísticas sobre minorias étnicas

Ao longo da investigação recolhemos 11 peças sem comentários no Público e 21 peças sem comentários no Correio da Manhã, bem como 9 peças com comentários no Público e 38 peças com comentários no site do Correio da Manhã.

Recolhemos 7 peças jornalísticas com comentários no site do Público e 2 peças com comentários no site e na página do Facebook do órgão de comunicação social. No que respeita ao número de peças jornalísticas no Correio da Manhã, recolhemos 31 peças com comentários no site, 3 peças com comentários na página do Facebook do jornal e 4 peças com comentários no site e na página do Facebook.

Nas peças com comentários, o tema com mais destaque foram os crimes, confirmando que a representação as minorias étnicas foge para o incomum (Wilson et. al., 2003), apesar de que no Público o tema mais focado foi a discriminação racial e étnica. Já nas peças sem comentários, os temas com mais destaque em ambos os jornais também foram os crimes e a imigração ilegal.

Na globalidade, as fontes de informação mais utilizadas foram os Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e as fontes policiais, provavelmente devido ao seu carácter oficial. Todavia, verificámos que os membros das minorias étnicas não assumem um papel preponderante como fontes de informação, já que no universo de peças recolhidas, apenas se registou um membro de minoria étnica como fonte, neste caso no Correio da Manhã.

A maioria das peças jornalísticas sem comentários são notícias de âmbito local, por outro lado a maior parte das peças jornalísticas com comentários são notícias de âmbito nacional (43%), sendo que aproximadamente 32% são de âmbito local. Contudo, no Público essa tendência não se verifica, uma vez que recolhemos mais peças de âmbito internacional (56%).

Verificou-se também, em algumas das peças, uma tentativa de identificação dos cidadãos das minorias ou uma referência à nacionalidade dos mesmos.

Interesse ainda referir que, as peças mais comentadas no Público foram as seguintes: 'Alan acusa Javi Garcia de insultos: "Chamou-me preto de merda"'; 'Mulher que fez comentários racistas no metro de Londres vai passar Natal na prisão'; 'Brasil

admite acelerar concessão de vistos para imigrantes estrangeiros “qualificados”. No Correio da Manhã foram as peças: ‘Alan: “Javi García chamou-me preto de merda”’; ‘Ciganos vítimas de discriminação laboral’.

Análise e interpretação dos comentários

Na totalidade recolhemos 999 comentários, 354 nos sites dos jornais em análise e 645 nas páginas do Facebook de ambos os jornais, como passamos a explicar: no Público, 382 comentários foram recolhidos página do Facebook e 135 comentários no site; no Correio da Manhã, 263 comentários correspondem à página do Facebook e 219 comentários no site.

De modo a ilustrar o artigo, iremos transcrever na íntegra, a título de exemplo, alguns dos comentários recolhidos, facilitando assim a perceção acerca das conclusões tiradas.

Relativamente ao tema, a maioria dos comentários efetuados refere-se a peças jornalísticas cujo enfoque temático passa pela discriminação racial e étnica, o que ilustra a dimensão desta problemática.

Dos comentários analisados, nos sites de ambos os jornais, poucos são os que fizeram uma interpelação direta aos jornalistas e aos media em geral, acresce que algumas das interpelações são críticas negativas. No Facebook registámos uma interatividade maior, uma vez que há mais trocas de ideias entre utilizadores.

Na generalidade, a linguagem dos comentários recolhidos é de carácter informal, nos sites dos jornais em análise e nas páginas do Facebook dos mesmos. Linguagem que se caracteriza pelas “(...) abreviaturas de palavras, repetições de termos, uma pontuação marcada pelos pontos de exclamação, de interrogação e reticências, expressões coloquiais (gíria e calão) e por vezes erros ortográficos, de acentuação e gramaticais.” (Silva, 2004: 65).

Um exemplo dessa mesma linguagem é a utilização de vocábulos específicos do calão e da gíria, como no comentário que se segue: “(...) e depois disse fiteiro de merda. E tu, só ouviste preto de merda.” (comentário não identificado, Público, em 07/11/2011, às 14:03).

No que respeita à identificação dos comentários, verificámos o seguinte: a maioria dos comentários feitos nos sites não são identificados (54% não são identificados, logo 28% são anónimos e 26% utilizam pseudónimos); no Facebook há uma tendência para a identificação, o que não significa que não haja uma distorção/personalização dos dados.

Antes de mais, importa frisar que recolhemos apenas nove peças jornalísticas com comentários nas páginas do Facebook dos jornais em análise, o que corresponde a 20% das mesmas: 3 das peças contêm comentários na página do Facebook do Correio da Manhã; 6 das peças têm comentários nos sites e nas páginas do Facebook dos jornais, 2 correspondem ao Público e 4 ao Correio da Manhã.

Consideramos debate público como a contribuição de conhecimento através da argumentação e da construção de ideias. Dessa forma, o grande objetivo da nossa investigação é perceber se há promoção de debate em temas relativos às minorias étnicas, para isso analisámos os comentários consoante a contribuição ou a não contribuição para a discussão pública.

Na totalidade, os comentários feitos nos sites contribuem para o debate público (54%), no entanto no Correio da Manhã a maioria dos comentários não contribui para o debate público (cerca de 56%). O que contraria o conjunto dos comentários feitos nas páginas do Facebook dos jornais que não contribuem para o debate público, isto é 58% dos comentários.

Os comentários que contribuem para o debate público normalmente apresentam soluções, outros pontos de abordagem, colocam questões fundamentadas, acrescentam conteúdo e/ou contam experiências pessoais. Por outro lado, os comentários que não contribuem para a construção de uma opinião pública fundamentada, geralmente desviam-se do tema em si ou são inadequados (possuem insultos, expressões típicas da internet), como no exemplo seguinte: “Este :::::::::::::::,devia ter mais respeito !!!!!!!!!!! pois nós sabemos onde aprendeu a dizer estas coisas ,, ,, ,, ,, ,, ,, ,, ,, ,, ,, triste ,, ,, ,, ,, ,, ,, ,, ,, ,, ,, insurreto” (comentário do facebook do Público, identificado, em 07/11/2011, hora não especificada).

Ao longo da investigação verificámos ainda que alguns aspetos surgem várias vezes nos comentários, a saber: ironia, crítica à justiça e crítica ao governo português e aos políticos. Denotámos ainda uma propensão para estereotipar, bem como uma tendência para a discriminação das minorias étnicas que se manifesta através de comentários racistas, preconceituosos e estereotipados.

Em suma, existe um uso mais eficaz da página da rede social de ambos os media, denotando-se uma predileção pelas redes sociais como referem Freire et. al. (2010), além disso, perante os dados supramencionados, podemos dizer que a percentagem dos comentários que contribuem para o debate público e dos que não contribuem é praticamente igual.

Conclusão

Os media sociais disponibilizam ferramentas que permitem o debate e a formação de opinião pública, ou seja promovem um debate público pluralizado, diversificado e fundamentado. Apesar da possibilidade de criar uma “ágora” digital, os cidadãos ainda não utilizam estes espaços, de modo a democratizarem a opinião pública e a contruírem cidadania.

Desta feita, consideramos que o novo paradigma do jornalismo permite utilizar o termo “participativo”, contudo ainda terá alguns passos para dar, que o permitirão, quem sabe, alcançar uma simbiose entre os conteúdos gerados pelos jornalistas e os conteúdos gerados pelos “prosumers”.

Percebemos que os jornalistas ainda estão um pouco relutantes em relação às participações dos cidadãos, sendo eles por vezes a “lançar o isco” e a pedir que os cidadãos participem em conteúdos mais “leves”. Estas participações trazem dois principais problemas éticos, que acabam por “retrair” os media, nomeadamente: o desconhecimento da informação e a natureza abusiva dos conteúdos (Singer, 2011b).

Ao longo da nossa investigação percecionámos que as minorias étnicas estão sub-representadas nos media sociais, uma vez que denotámos um défice de discursos alternativos e que os membros das minorias étnicas não são considerados fontes de informação credíveis. Acresce que, o facto da maior parte das peças jornalísticas

recolhidas abordarem aspetos negativos, pode condicionar a presença de discriminação racial e étnica nos comentários dos utilizadores.

Concluimos que os media sociais proporcionam espaços adequados à formação de debate público, todavia, por vezes, os cidadãos não trocam argumentos que promoção a criação de opinião pública fundamentada, havendo muitas vezes uma diluição dos ideais democráticos através de opiniões estereotipadas, preconceituosas, insultuosas, discriminatórias e inapropriadas. Assim, não confirmámos a ideia de Bollinger (*in* Kovach&Rosenstiel, 2004) que diz que quanto mais variadas forem as vozes, maior é a probabilidade do povo ser capaz de se autogovernar.

Pois, apesar do objetivo da participação dos utilizadores ser a criação de informação independente, fidedigna, variada, precisa e relevante, como uma democracia requer e Bowman&Willis (*in* Rodrigues, 2006) defendem, não pudemos avaliar a fidelidade e a independência dos conteúdos gerados pelos utilizadores.

Esperamos que o debate público enquanto objetivo/dever central do jornalismo continue a ser promovido em todos os meios de comunicação social. Pois, "(...) expandir a participação pode conduzir a profissão em direção a uma ainda mais mútua e recíproca forma fluída de jornalismo, com os jornalistas a procurar o seu lugar numa cultura colaborativa de media." (Hermida, 2011: 190).

Referências Bibliográficas

Amaral, I. (2005). A interactividade na esfera do ciberjornalismo. *Livros de Actas* (pp. 135-145). 4^o SOPCOM.

Berghe, P. (1996). Minorities. In Cashmore, E. (org.), *Dictionary of Race and Ethnic Relations* (pp. 242-244). 4^aed. Nova Iorque: Routledge Books.

Cabecinhas, R. & Amâncio, L. (2004). Dominação e exclusão: Representações sociais sobre minorias raciais e étnicas. *Actas do V Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas - Reflexividade e Acção* (pp. 139-146).

Dijk, T. (1995). Elite Discourse and the reproduction of racism (pp. 1-27). In Slayden, R. & Slayden, D. (Eds.) *Hate Speech*. Newbury Park: Sage.

Ferin, I. et. al. (2008). *Media, imigração e minorias étnicas 2005-2006*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Fidalgo, A. (2009) Especificidade epistemológica do jornalismo: desfazendo uma ilusão do jornalismo-cidadão. In Cardoso, G.; Cádima, F. R. & Cardoso, L. L., *Media, Redes e Comunicação: Futuros Presentes*. (pp. 219-229). Quimera.

Freire, F. C.; Cepeda, A. M. & Santiago, L. O. (2010) Tudo Redes sociais y personales vs medios convencionales. Diferencias en el tratamiento informativo. In *PRISMA – Especial Ciberjornalismo 2010*, nº12. Acedido em 20 de Dezembro de 2011 em <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/749/676>

Gillmor, D. (2010) *Mediative*. Acedido em 4 de Novembro de 2011 em <http://mediactive.com/book/table-of-contents-2/>

Gillmor, D. (2004) *We the Media: Grassroots Journalism By the People, for the People*. O'Reilly Media, Inc. Estados Unidos da América.

Hermida, A. (2011). Fluid Spaces, Fluid Journalism: The role of the “active recipient” in participatory journalism. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 177-191). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2004). *Os elementos do jornalismo – O que os profissionais devem saber e o que o público deve exigir*. Porto: Porto Editora.

Recuero, R. (2009) *Redes sociais na internet*. Meridional, Coleção Cibercultura. Porto Alegre.

Reich, Z. (2011). User Comments: The transformation of participatory space. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 96-117). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Rodrigues, C. (2006). *Blogs e a fragmentação do espaço público*. Universidade da Beira Interior. Labcom.

Silva, M. T. (2004) A Cimeira de Copenhaga e os comentários dos leitores às notícias da TSF. In *Media & Jornalismo*, nº 4, pp. 59-72.

Singer, J. (2011a). Introduction: Sharing the Road. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 1-9). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Singer, J. (2011b). Taking Responsibility: Legal and ethical issues in participatory journalism. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 121-138). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Wilson, C., Gutiérrez, F. & Chao, L. (2003). *Racism, sexism, and the media – the rise of class communication in multicultural America* (3ª ed.). Estados Unidos da América: Sage Publications.